



Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



ADMINISTRADOR — Artur Basto
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. Duque de Bragança, 18
COMPOSTO E IMPRESSO: Tip. «Minerva» — FAMILIÃO

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO:
P.º Alfredo Martins da Rocha

REDACTORES PRINCIPAIS:
P.º Alberto da Rocha Martins
José Teixeira

Campanha Profiláctica da raiva

INFELIZMENTE, é uma realidade: A raiva grassa no nosso país, sobretudo no Norte, com relativa intensidade. Há muitos anos que se não verificava tal epizootia, graças às providências tomadas quer pelas autoridades civis, incluindo a Direcção Geral dos Serviços Pecuários, quer pelas autoridades militares e ainda à boa vontade e compreensão dos proprietários dos cães. Presentemente apelamos de novo para as autoridades acima mencionadas, com o fim de debelarmos essa terrível doença que, transmitida ao homem, e não sendo tratada a tempo, mata-nos em poucos dias, e em circunstâncias horrorosas.

Em primeiro lugar dirijo-me aos proprietários dos animais pedindo que auxiliem a campanha profiláctica que se está realizando no nosso concelho. Para isso basta levá-los à vacina, não permitindo que andem na via pública para evitar o contágio.

Sempre que, por qualquer motivo, o cão morda alguém deve participá-lo imediatamente, na Subdelegação de Saúde e ao Veterinário Municipal.

Em segundo lugar, chamo a atenção das autoridades que neste caso de emergência devem exterminar, por qualquer processo, todos os cães que se encontrem na rua. Não o fazendo a Campanha Profiláctica é largamente prejudicada e a solução do problema apresenta-se impossível. Por isso mais uma vez torna-se urgente acabar com todos os cães vadios.

Reverendos párocos, regedores, presidentes de Junta e de uma maneira geral todas as autoridades, sentem-se no dever de denunciar todo e qualquer dono de cães que não tenham vacinado os seus animais.

A lenda de a vacina matar por vezes os cães, e ainda roubar-lhes o olfato, é tempo de desaparecer. A experiência de largos anos de vacinação demonstra-o claramente. Milhares de animais têm sido vacinados neste concelho e no entanto eles continuam a existir, os caçadores continuam

a caçar com os seus coelhos e perdigueiros sem, todavia, terem sido assaltados no seu olfacto por tão grande «ladra» que é a vacina.

Tomo a liberdade de contar um facto passado no nosso concelho, mera coincidência, sem dúvida, mas que ao mesmo tempo prova, em parte, a blague que envolve a vacinação anti-rábica.

Nos primeiros anos de campanha alguns caçadores, obcecados ainda pela mesma ideia, evitavam, quanto podiam, vacinar os seus cães. Assim, um conhecido grupo de caçadores de perdizes do nosso concelho, possuidor de uma boa matilha de perdigueiros, fugiam à vacinação a fim do olfacto dos seus cães não ser prejudicado. Ora aconteceu que um dos caçadores do grupo, ou por não concordar com a ideia ou por qualquer outro motivo, resolveu vacinar o seu cão que era considerado um dos mais fracos da matilha.

Passados alguns dias foram para uma caçada e, caso curioso, foi precisamente o *vacinado* o que maior rendimento deu.

Quase ficamos com a impressão que a vacina em vez de roubar, pelo contrário, lhe aumentou o olfacto.

Por isso peço aos proprietários dos cães que vacinem os seus cães, que os não deixem andar na via pública, porque só assim a Campanha Profiláctica ficará assegurada com todo o êxito.

MANUEL HENRIQUE MOREIRA
Médico-veterinário

Prior de Barcelos

Para a cidade de Vila Real, onde foi acompanhar os alunos do 7.º ano do Colégio Alcaldes de Faria, para exame, partiu, na passada segunda-feira, o nosso querido Director e Prior de Barcelos, rev. padre Alfredo Martins da Rocha.

Visado pela
COMISSÃO DE CENSURA

DE
OITO EM OITO
DIAS

... Bombeiros!

UMA festa de bombeiros, em Barcelos, é sempre um motivo novo, dá ensejo a uma reunião grande, é uma grande família que se junta, trocando entre si cumprimentos de saudação.

É mais um ano a pesar na vida da colectividade que, ao contrário das pessoas, não a envelhece, não a alquebra, nessa labuta de «fazer bem sem olhar a quem», antes serve para insuflar novas forças, tocando os nervos e os corações de todos aqueles que devotadamente, desinteressadamente, servem a Corporação de Bombeiros.

A festa de aniversário é, assim, a modos de uma final de etapa com descanso e não final da corrida.

Acolá, os participantes descansam, retemperam os músculos, para prosseguir no dia seguinte, com mais ânimo, com mais ardor. Aqui, colhe-se os louros do triunfo, a auréola da vitória ou, então, a desilusão.

E os Bombeiros Voluntários de Barcelinhos têm no domingo uma final de etapa, etapa que dura um ano de esforços e de sacrifícios e, cremos, que não chegarão ao fim da corrida — que esta prova não tem limite de tempo nem de distância. A Humanidade precisa deles, tem necessidade da sua protecção.

Vão descansar um dia, apenas, dessa longa caminhada, para continuar na corrida interminável da sua abnegação e de altruísmo por entre escolhos, por entre a braveza das incompreensões e, aqui e além, uma ou outra ingratidão a tapar-lhes a esteira da sua incontida temeridade, do seu carinho, da sua dedicação, postas ao serviço do bem comum.

Vão confraternizar com os seus adeptos, que são tantos que não têm conta, tanto bem espalham à sua volta. Vão viver algumas horas de alegre convívio, de sólida e fraternal camaradagem — vão ter o seu dia de descanso.

Associe-nos a essa ale-

(Continua na página 6)

O Meu Cantinho

Dona de Casa

SÃO muitas, variadas e, por vezes, graves as situações em que a mulher se encontra, perante a vida.

Há uma, porém, a que não pode fugir. A mulher é, por natureza e imposição das circunstâncias, a Dona de Casa.

Com criadas ou sem elas, a mulher tem de tomar, nas suas mãos, as rédeas do governo da casa, e, não pode, pela pena de trair a sua missão, deixar a outrem este poderoso encargo. Ela é a rainha do Lar.

Para se desempenhar convenientemente desta missão precisa fazer apelo a todas as suas qualidades de inteligência, generosidade e, sobretudo, de amor sacrificado. Sem verdadeiro amor à sua casa a mulher não viverá inteiramente para o seu Lar e para as exigências que ele reclama. Tinha razão certo escritor contemporâneo quando afirmava: «A mulher mundana, habituada a abandonar a sua casa, de dia e de noite, a qualquer hora, para andar na sociedade, nos divertimentos e prazeres, cuidando de si, da sua toilette, das revistas, das modistas, das amostras e das compras; a mulher, que quer passar o seu precioso tempo no teatro, no cinema, no casino, nas soirées, nos chás dançantes, nas ceias à americana, não pode, não tem tempo, nem

gosto, para atender ao governo da sua casa, nem à sensaboria de fazer economias.»

Não podemos deixar de afirmar que uma mulher, por bela e encantadora que seja, brindada pelas mais altas qualidades de inteligência e elegância, será uma mulher incompleta, se não for uma boa Dona de Casa.

É uma das preocupações que deve ocupar o espírito da boa Dona de Casa é, sem dúvida, o arranjo do seu lar. Uma casa limpa, asseada, de aspecto atraente e leve, é sinal, do bom gosto da mulher que a governa. Não é o luxo que dá conforto a uma casa, nem são as mobílias caras que a tornam agradável.

Mas, é, antes, a disposição metódica dos móveis, a combinação de cores, a sobriedade dos objectos e o bom gosto que tornam a casa agradável e atraente. Pequeninos nada que dão uma nota de graça, de distinção e de bem-estar à nossa casa e que, nós, tantas vezes, seduzidas pela grandeza e pelo luxo, esquecemos.

Chamo a vossa atenção para estes pequeninos aspectos da vida e, nomeadamente, para a grandeza da missão a que sois chamadas no lar para que, deste modo, possais ser úteis a vós e à sociedade.

MARIA VIOLETA

Mãos Presas

Não me levaste, não! Porquê? Mistério!
Sei que partiste, após que reparaste
O coração de todo: e nos fugiste,
Em voo de alma, ao resplendor sidéreo.

Não me levaste, não, ao Alto Império.
No mundo me deixaste, escravo e triste;
Talvez porque... subindo onde subiste...
Como alcançar-te, além do cemitério?!

Não me levaste. Nem podias, não!
Pois Deus não te prendeu uma só mão,
Ao recolher-te, enfim, à Luz Infinita:

Tomou-te as duas. Ah! uma só fora,
E a que ficara livre, ao ir-se embora...
Tu ma estenderas, outra vez, ainda!

ANTÓNIO CORRÊA DE OLIVEIRA

(Do livro Saudade Nossa)

Crónica Religiosa

Terceiro Domingo depois do Pentecostes

Evangelho — «Naquele tempo aproximaram-se de Jesus os Publicanos e os pecadores para o ouvirem: E os Fariseus e os Escribas murmuravam, dizendo: Este homem recebeu os pecadores e come com eles: Então Jesus disse-lhes: Qual é de vós que, possuindo cem ovelhas, e, perdendo uma, não deixa as noventa e nove no deserto e não vai em procura da que se perdera até achá-la? E, achando-a, não a põe aos ombros com alegria, e, vindo para a sua casa, não reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Congratulai-vos comigo, pois achei a minha ovelha, que se perdera! Digo-vos que, do mesmo modo, haverá mais alegria no Céu por um pecador, que faça penitência, do que por noventa e nove justos, que não necessitem de fazer penitência. Ou ainda, que mulher haverá que, possuindo dez dracmas, e, perdendo uma, não acende a candeia, varre a casa e procura a dracma, até achá-la? E, encontrando-a, não reúne os amigos, dizendo-lhes: Congratulai-vos comigo, pois encontrei a dracma, que perderá? Assim vos digo: Há muita alegria perante os Anjos de Deus por um só pecador, que faça penitência.»

Comentário

pelo P.º ALBERTO

Os princípios judaicos eram exclusivistas. E, assim, não sofriam os Judeus que Jesus convivesse com os pecadores. Estes deviam ser excluídos de todo o ritualismo judaico. Jesus, porém, viera ao mundo, no desconforto de uma gruta, para salvar a humanidade inteira e, sobretudo, para salvar os pecadores, já que só os doentes é que precisam do amparo e do socorro dos médicos. Ele era verdadeiramente o médico das almas. Por isso, percorre o mundo na ânsia insofrida de conquistar a humanidade inteira, sem distinção de raças nem de credos. Não só convive com os pecadores, mas até procura descobri-los para, num gesto amigo de Santo Apostolado, ir ao seu encontro e arrancá-los, com doçura e amor, aos seus vícios.

Era isto que escandalizava os Escribas e os Fariseus! Pensavam que era impossível conservar-se puro junto da lama... Será difícil mas, não é impossível. Cristo entrou, muitas vezes, na casa da Madalena e saiu de lá tão puro como havia entrado. Não se deixou contaminar... E' que no meio do esterquilínio de imundície pode florescer o lírio da pureza! Era, por isso, inteiramente descabida a murmuração dos Judeus. Esta é realmente uma faceta do ambicioso e do intolerante... Não haverá, entre os católicos, quem pense do mesmo modo?...

Jesus não pretende justificar-se das suas atitudes perante aqueles que malsinavam as suas nobres intenções. Conhece-lhes as intenções malévolas e sabe da dureza dos seus corações. São sepulcros branqueados, por fora, mas, cheios, por dentro, de podridão. Seria perder tempo dar-lhes uma explicação da sua convivência com os pecadores.

Prefere antes, com este seu gesto de misericórdia, deixar à humanidade a lição sublime da compaixão para com as misérias alheias, da caridade para com os defeitos do próximo, do amor para com os desgraçados.

E, deste modo, explica-lhes: qual de vós tendo uma centena de ovelhas e sabendo que uma se perdera na densidade da floresta, não deixa, no aprisco, as noventa e nove e vai, por campos, serras e vales, em busca da que se tresmalhara?

E que alegria não sente ao encontrá-la!... Coloca-a aos ombros e vem riosamente para casa... Outro tanto acontece, no Céu, quando um pecador, perdido tantos anos no vício e no crime, faz penitência dos seus devaneios e se volta arrependidamente para Deus.

Quando isso acontece há uma grande, uma indescritível alegria no Céu.

Não estará nesta parábola singela a explicação ao Apostolado do Mestre? E não estará aqui o rumo traçado a todos nós os que, de boa vontade, queremos seguir o Mestre, apesar dos nossos defeitos e das nossas fraquezas? Não será isto a sentença que condena o nosso orgulho, a nossa intolerância, por vezes, a nossa má língua, censurando os que labutam, devotadamente, na causa da Igreja? Entrai na vossa consciência e vede se tereis de vos penitenciar dos erros dos Fariseus...

Desesperar é o último degrau do abismo...

Caim cometeu um crime manchando as mãos no sangue inocente de seu irmão. Escreveu na história negra da sua vida o crime horrendo do homicídio, na pessoa de seu irmão Abel.

Apesar disso, o seu grande crime, o maior da sua vida, foi ter afirmado e acreditado blasfemamente que o seu pecado jamais poderia ter perdão.

No seu coração nasceu o sentimento horrível do desespero que secou o amor, apagou a fé e estiolou a esperança. E quando, na vida, desaparecem estas virtudes o que resta ao homem? Só o desespero e a desgraça! Foi este o trágico fim de Caim. Ao lado dele, como projecção sinistra, vemos o apóstolo traidor. Numa hora de ambição desmedida apareceram-lhe os inimigos do Mestre. Marca-os a estrela negra do crime... Querem matar o Mestre Divino! Como? Só há meio

Festas ao S. João

No próximo sábado e domingo, no Campo 5 de Outubro, realizam-se importantes festejos em honra do S. João. Entre outros números do programa, haverá uma monumental cascata movimentada, iluminações à moda do Minho, fogos de artifício e outras diversões.

Estes festejos são abrilhantados por uma excelente banda.

Também na vizinha freguesia de S. Martinho, no sábado e domingo, levar-se-ão a efeito importantes festas ao mesmo Santo, que constam de arraiais, iluminações e fogos. Haverá também diversões que devem chamar à risonha freguesia muitos forasteiros.

D. Vicente de Mahiques

A tratar de assuntos relativos à sua laboriosa indústria tem estado em Lisboa o nosso illustre amigo e assinante sr. D. Vicente de Mahiques Sentil.

de o fazer sem provocar a revolta nem a desconfiança. Judas, o apóstolo dado à ambição, é capaz de vender o seu Mestre, desde que se lhe mostre, a rebrilhar, o oiro da traição. E, de facto, Judas, miserável em tudo, até no preço que estipula para vender o Mestre, deixa-se ludibriar e consente no crime.

Era já noite!... No firmamento azulino escuro tremulam algumas estrelas... Há uma viração subtil a pôr uma nota de vida nos seres e nas coisas... A lua esconde-se por detrás das nuvens ameaçadoras de tempestade.

Judas, emboçado na sua túnica de israelita, atravessa, pé ante pé, o arvoredado escuro... Em cada sombra vê um inimigo que o apunhala, em cada folha que o vento faz rugir descobre a voz torturante do remorso...

Lá longe está, de joelhos e em oração, o Mestre. Judas, de olhar torvo e cabelos desgredados, aproxima-se e beija, na frente, o seu Jesus. Era o sinal combinado para o entregar aos inimigos. Haverá crime mais hediondo do que este? Atrevo-me a dizer-vos que Judas cometeu um crime mais nefando, ainda. Precisamente no momento em que o fogo do remorso lhe incendeia a alma ele, desesperadamente, sobe à figueira do suicídio e precipita-se no abismo... Este o maior crime da sua história. A grandeza do seu crime deduzimo-la ao exemplo lindo que Jesus nos quis dar no Evangelho de hoje. E' singela mas muito proveitosa para a nossa vida a lição que devemos colher.

A lição da confiança na divina misericórdia. Deus é infinitamente bom e acolhe sempre, com ternura e alegria, o pecador que arrependidamente lhe vem cair nos braços.

Leitor amigo, não sentes que é para ti esta consoladora lição? Não a deixes perdida, mas, antes aproveita-a e grava-a indelevelmente na tua alma.

Nota — Por lapso veio, no último número do *Jornal de Barcelos*, o comentário ao Evangelho que dizia respeito ao 4.º domingo depois do Pentecostes, pelo que hoje se comenta o Evangelho do último domingo. — P.º Alberto.

Uma cura extraordinária

O concelho de Esposende, e principalmente a freguesia de Antas e vizinhas não esqueceram ainda nem esquecerão tão cedo o que foi a visita da Virgem Peregrina ao solar de Belinho, onde vive e canta e sofre o Vidente da Beleza e Príncipe de Poetas António Correia de Oliveira.

Foram horas inolvidáveis de fé, de entusiasmo, de júbilo espiritual as que se viveram junto da capela da Quinta ou na grandiosa procissão de velas ou na sumptuosa vigília de adoração ou na missa campal ou ainda na comovente despedida junto da ponte do Neiva.

A presença em Antas da Senhora Peregrina foi um clarão de luz que iluminou muitos caminhos tenebrosos e dissipou muita escuridão espiritual, foi um momento de graça que entrou em muitas almas necessitadas e tocou até os corpos pungidos pela doença.

Entre quantas graças espirituais e materiais a Senhora de Fátima se dignou espalhar por estas paragens, merece registo o caso extraordinário, a que só agora se dá publicidade jornalística porque esteve à espera de ser confirmado pelo tempo e principalmente pelo necessário relatório médico.

Maria de Lourdes Rodrigues Coutinho, nascida em 8 de Junho de 1931, casada com Manuel Gonçalves Chasco, é natural da freguesia de Antas e nela reside no lugar de Guilheta.

Desde os princípios do ano corrente, cerca de três meses antes da vinda da Senhora Peregrina, começou a sentir a saúde seriamente abalada: pontadas violentas no hemitórax esquerdo, tosse e expectoração abundantes, astenia, anorexia e emagrecimento.

A partir de então, notou que a voz se ia tomando, cada vez mais e a expectoração, até aí muco-purulenta, transformou-se em hemoptóica, sucedendo-se repetidas e frequentes hemoptises.

Em 6 de Abril, oito dias antes da vinda de Nossa Senhora, foi observada pelo médico sr. dr. Luís Monteverde, com consultório em Viana do Castelo, na rua Manuel Espregueira, 114.

Devido à gentileza de sua ex.ª podemos transcrever a ficha da doente relativa a esta observação: «Doente de constituição regular, mas de aspecto emagrecido. Idade aparente condizendo com a real.

Inteligência normal e sem sinais de perturbações psíquicas. Apresenta rouquidão acentuada, que, após ter falar do durante alguns minutos, se transforma em afonia.

Tosse com frequência e apresenta-se moderadamente

dispnéica. O exame físico revela taquicardia (98 pulsações por minuto) e diminuição do murmúrio vesicular no vértice e região hilar esquerda.

Temperatura — 37,8. Em vista da sintomatologia clínica apresentada — a qual fazia supor a existência de tuberculose pulmonar evolutiva — e das condições conómicas da doente, foi-lhe aconselhado socorrer-se do Dispensário do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, onde seriam feitos os exames necessários para completo esclarecimento do diagnóstico. De momento foi-lhe instituída apenas a medicação sintomática aconselhada em tais situações. Até aqui a transcrição da ficha médica.

Entretanto, surgem os preparativos para a recepção à Virgem Peregrina. A doente continua a queixar-se de uma pontada, cuja violência aumenta a ponto de lhe impossibilitar certos movimentos do braço, a afonia torna-se absoluta e só as hemoptises diminuíram, em virtude dos remédios tomados.

Não recorreu ainda ao Dispensário do Instituto da A.N.T. e confia em que tal não será preciso. Se a Senhora quiser... Chega o dia 14 de Abril. Entre Remédios e a Quinta, a rua é um formigueiro de peregrinos e devotos, em labaredas de fé.

Também a doente por lá anda com a esperança em cachão. A Senhora vai querer... E chega a Virgem Peregrina! E ei-la no seu andar branquinho e florido, aos ombros do Poeta e Família, da Casa de Belinho para a capela da Quinta.

Em torno, um mar de lenços em agitação, um delírio de aclamações; rezava-se alto em todos os tons, chorava-se em reboço, cantava-se... Era uma explosão de entusiasmos represados, de sentimentos que já se não podiam disfarçar... Era Fátima, ao natural, em S. Paio de Antas!

E a doente lá se arrastou como pôde até à capelinha. E ajoelhou. Quis rezar alto e ainda não podia: não tinha voz.

E rezou, então, com as lágrimas, com os soluços (que já ninguém podia conter): «Senhora, se quiserdes... Dou-Vos a minha aliança de casamento...»

E, agora, é ela que fala: «Senti por mim acima, a percorrer-me desde os pés um não sei quê que me parou na garganta... Depois foi como um tampão que se abriu... e eu tive de gritar: — Ai minha Nossa Senhora! A voz estava límpida.

Só as lágrimas a embargavam. «Fiz com o braço vários movimentos, até então impossíveis, a ver se ainda tinha a pontada».

Tinha desaparecido por

Divagações de doente...

LONGE de tudo e de todos, com a saudade a revigorar dia a dia e os anseios a desfazerem-se em bruma, vou sonhando acordado como quem sente. Aqui, no sanatório que me cerca, neste mar de esperanças sem ter fundo, ergo-me, de quando em vez, e olho o céu, os montes, os vales... e uma certeza extática envolve-me de risos e promessas qual sonho lindo a dar mais vida a sonhos amortecidos. Contudo, parece-me, que tento iludir-me, pensando iludir os outros. Pobre de mim... E assim caminho com estas ilusões...

E como são belas as do dia de ontem para o dia de amanhã. O' passageiras e fugazes ilusões! Vós sois espirais de vida ao longo da linha do meu calvário; calvário feito de embatidos verdes e negros, com altos e baixos, quais esperanças suspensas no abismo do meu peito.

Apenas 29 anos e já me completo. *A Senhora tinha querido!*

A Maria de Lourdes não mais pensou no Instituto nem tão-pouco no médico. Sentia-se curada — era o bastante.

Foi preciso mandá-la à confirmação do exame médico. Foi observada ainda pelo sr. dr. Luís Monteverde, em 24 de Abril, e dez dias após a cura sentida, que em 28 a sujeitou ao exame radiológico e em 2 de Maio aos exames laboratoriais.

Transcreve-se o que consta da ficha: «— A doente apresenta melhor aspecto. A voz é normal e fala durante largo tempo sem que se note qualquer modificação.

A auscultação nada revela digno de registo. Temperatura — 36,7. Tem 72 pulsações por minuto. Refere que não tem tosse nem expectoração, tendo também desaparecido a restante sintomatologia de que se queixava quando da primeira observação.

Os acidentes hemoptóicos, segundo afirma, foram desaparecendo pouco a pouco após a medicação instituída, permanecendo inalteráveis os sintomas os quais cessaram repentinamente no dia 14 de Abril.»

«Exame radiológico: — Não existem opacidades radiológicas, salvo sombreados perihilares dos pulmões, com predomínio à esquerda.

Exames laboratoriais: — Nasserman, Kahn e Lachs e Nitebsky — negativas.

Não foi possível obter expectoração para exame bacteriológico.

Factos desta ordem não se comentam: aceiteam-se, agradeçam-se... Bendita seja a «Saúde dos Enfermos», Senhora Mãe de Deus e nossa Mãe, Padroeira de Portugal! Bendita seja!

sinto um desiludido... a morte caminha ao meu encontro, vertiginosa e implacável, qual destino tecido há muito nos teares do tempo. E penso em Deus... E assim caminho com esta certeza, onde a nevrose me aplaude de uma maneira singular e onde passam mil espectros corruptos e amalgamados, maldizentes de tudo e de todos, pois de todos caluniam e, até, do próprio Deus maldizem.

Mente-se e briaça-se jogando os dados com a honra alheia.

Estropiam-se as expressões sinceras e boas, colorindo-as e cobrindo-as com verniz e lantejoulas, gracilmente disfarçadas com um pólem de inexplicável propagação...

E' assim a nossa sociedade?... Graças a Deus que nem toda é assim.

O' áspero combate da vida! O' dores do meu peito! Não me fazels sofrer tanto como esta sociedade estúpida e vaidosa a coroar-se de louros que lhes não pertencem... O' burguesia desenfreada!

Como Deus acompanha os vossos desmandos!

O' vaidade! Tu és causadora do pouco que os homens fazem e serás sempre a portadora do pouco que os homens farão.

Pela vaidade a esmola surge à luz do dia e o mundo é grande... Por ela descobrem-se maravilhas, por ela caminha-se a passos de gigante em busca da glória.

E eu fico-me a sonhar vivendo os meus poemas... alguns aplaudidos, outros caluniados; mas intimamente — no meu Eu — todos vividos.

Estou a divagar, de vagar, no azul do pensamento e, contudo, gostaria de frisar em pormenor, os pormenores da vida de um poema...

Nem sempre os poemas mais aplaudidos são os mais sentidos pela alma do criador, pois que os poemas são pedaços de alma em projecções de luz. Parece-me que estou a divagar... sem princípio, sem meio, sem fim, sem nada... estou a divagar para quem me possa acompanhar quase ao jeito de Ed. Picouri... e vou ficar-me por aqui desprezando, como quem sente, um poema inocente, filho da minha alma:

Caminho para a morte Erguendo no meu peito Batalhas e vitórias... Só me resta esperar!!! E espero, sem ter calma, Como as ondas do mar,

O' vida que já vivi, Cheia de amor e d'encanto, Tenho saudades de ti, Pois foste a voz do meu canto.

Serra da Estrela, 1950.

MÁRIO TORGA

Notas de Barcelinhos

Comunhão solene

Decorreram com grande brilhantismo as festas em honra do Sagrado Coração de Jesus, levadas a efeito no pretérito domingo.

Tanto o tríduo, como as conferências que foram proferidas pelo rev. padre Lima Torres, tiveram a assistência de muitos fiéis.

No domingo de manhã teve lugar a tocante cerimónia da comunhão solene. Festa comovente e encantadora, que registou a presença de algumas dezenas de crianças, e de tarde realizou-se a Procissão Eucarística que percorreu as principais ruas desta freguesia com o maior respeito. Sob o pálio o rev. prior de Barcelos conduzia a Sagrada Hóstia e às varas iam pessoas de representação.

Foi uma festa linda que encheu de contentamento todos os barcelinenses que engalanaram as sacadas com vistosas colchas e lançaram sobre a procissão muitas flores.

O rev. padre Martins está de parabéns, pela organização cuidada e pelo êxito que proveio do seu desmedido esforço.

Missa ao S. João

No próximo sábado, 24 do corrente, na capelinha de Nossa Senhora da Ponte, a mesa administrativa, por força de um legado, mandará rezar uma missa solene, em honra de S. João Baptista, na qual tomará parte o «Grupo Coral de Barcelinhos», sob a direcção do sr. Narciso Gonçalves, que também tomou parte nas cerimónias religiosas anteriormente noticiadas.

Esta missa tem início às 9 horas.

«Bocas de lobo»

Na rua Miguel Miranda, as bocas de lobo precisam de assistência e necessário se torna, também, que a pavimentação à portuguesa seja reparada o mais urgente possível, porque a conservar-se no estado em que se encontra, qualquer dia teremos a lamentar um grave desastre.

Já ventilámos, aqui, este assunto e não é por prazer que voltamos a trazê-lo ao conhecimento de quem de direito.

E' melhor prevenir do que remediar...

Nossa Senhora da Ponte

Não vos esqueçais, leitores, de auxiliar a Confraria de Nossa Senhora da Ponte, que muito tendo feito já, mais precisa de fazer, não só dentro como fora da ermida onde se agasalha a sentinela vigilante da cidade.

ALONSO

Vende-se

Bouça com 6.500 metros quadrados, na freguesia de S. Veríssimo. Falar com o pároco da mesma freguesia.

VIDA DESPORTIVA

Isto é desporto?

Se não fosse a obrigação a imperar sobre nós, preferíamos deixar sem relato os factos ocorridos no passado domingo, no Campo A. Ribeiro Novo. E' que, francamente, temos de bater e de bater forte, nos responsáveis por tais desmandos e de pedir para eles o castigo que merecem.

Não podem umas centenas de pessoas estarem à mercê de uma ordem inconcebível, tola, disparatada, de qualquer pessoa que, armada em director, leva o seu grupo à atitude insólita de abandonar o rectângulo de jogo, numa altura em que havia desmandos, é certo, mas por culpa exclusiva de um único jogador desse mesmo grupo que nos fornecem a ideia de ter perconcebido tudo o mais que foi além das suas próprias atitudes que temos de reprovar.

Esse director (?) inconsciente, sem responsabilidades no desporto, cometeu uma feia acção e criou uma situação ao seu grupo que lhe há-de custar muitos amargos de boca...

Podemos dizer, servindo de atenuante para o F. C. de Famalicão, que o árbitro teve responsabilidades. Mas estas, a existirem, não justificavam — não hánada que justifique! — as incorrecções, as agressões constantes, e por fim a irreflectida decisão do abandono do terreno.

Não. Aquilo não foi desporto. Foi uma vergonha, uma vergonha sem qualificação e que deve ser inédita nos nossos campos de futebol.

Custa-nos escrever assim, mas não podemos trair a nossa missão e por amor à verdade temos de pedir o castigo para quem o merecer.

RUI DO CÁVADO

Companhia de Seguros COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Pelo Conselho de Administração desta Companhia, foi nomeado seu agente em Barcelinhos o sr. Manuel Barbosa Faria.

Parteira e Enfermeira Laurinda da Silva Vieira

Mudou a sua residência para a Rua da Madalena, 10 (Defronte à Capela de S. José)

onde espera continuar a receber as ordens das suas estimadas clientes.



Bazar de Santo António Rua de D. António Barroso BARCELOS

Na administração do "Jornal de Barcelos"

Deram-nos a honra dos seus cumprimentos, pagando ao mesmo tempo as suas assinaturas, os ex.ºs senhores:

Dr. Darlo Xavier de Queirós, Lisboa; engenheiro Augusto Viana de Queirós, Lisboa; Luís Filipe Linhares; Gaspar Macedo; Clemente da Silva Pereira, Braga; Américo Ribeiro Novo; Manuel Fernandes de Carvalho; D. Berta Luísa da Fonseca; David Lopes Lages Falcão, Brasil; Anselmo da Costa Vasconcelos; Custódio Lopes Rodrigues; Augusto Paulo Mesquita Guimarães, V. N. de Famalicão; dr. Joaquim Neiva Oliveira, Porto; Joaquim Rodrigues Silva; Júlio de Lima Marques; João José de Miranda; Armando Boaventura; pároco de Alheira, Barcelos; José Lobarinhas, Brasil; José Carvalho Ferreira; João Joaquim Salgueiro; António Joaquim Ferreira; Jasé Araújo Coutinho, V. N. de Famalicão; João Pereira Peixoto; Joaquim Brochado; José Joaquim dos Santos; Domingos Gonçalves Salgueiro; padre Manuel Ferreira dos Santos; Alvaro Rodrigues Neiva Magalhães Pinheiro; Manuel Rodrigues Pereira; Félix Joaquim Rodrigues; dr. José da Graça Faria Júnior.

Malhas em Meias

APANHAM-SE À MÁQUINA ELÉCTRICA PERFEIÇÃO, RAPIDEZ E ECONOMIA

Casa do Recoveiro Henrique

Campo 5 de Outubro

BARCELOS

Hospital da Misericórdia

Balneário

Abre no dia 1 de Julho, às 8 horas

Banhos de duche, imersão, chuveiro e sulfurosos

Inscrição aberta na Secretaria

Inspecções

Princiariam, na passada segunda-feira, as inspecções militares no nosso concelho.

As ruas voltaram a movimentar-se com o bulcício dos rapazes, que providos dos mais esquisitos instrumentos organizam tocatas e descantes.

Não há tristezas, nos rapazes que vão às *sortes* e mesmo quando têm a felicidade (?) de servirem essa alegria comunicativa está como lenitivo àquela mágoa que gera a saudade nos momentos cruciantes da partida.

Depois, tudo esquecem e dão por bem empregado o tempo que deram na tropa — ao serviço de Portugal.

"Uma cura extraordinária"

O artigo «Uma cura extraordinária» é transcrito, com a devida vénia, do nosso colega O Cávado. Al se relata com pormenores e seriedade uma cura miraculosa operada em S. Paio de Antas, Ésposende, a quando da vinda de Nossa Senhora da Fátima, à Quinta de Belinho, propriedade do Poeta António Correia de Oliveira.

Um milagre da Mãe de Deus

(Ao meu saudoso Pai António de Barros Mesquita)

O ti João da Madorra há muito sentia fugir-lhe a saúde. O seu arcaboço forte e desempenado, sucumbia a olhos vistos. E pouco a pouco se iam dissipando os vastos recursos, com consultas, remédios, viagens... Sentia-se só e aborrecia-se por tudo. A caça, sua distração predilecta — ele corria os montados de Forjães, Palme e Aldreu — aborrecia-o agora. Os galgos, inveja de muitos caçadores, já os oferecera sem pena! Ninguém sabia, nem ele próprio, o mal que o definhava. Dizia-se na aldeia que o ti João tinha espírito mau, que uma alma ruim se metera nele. Lembravam-lhe a feiticeira dos Arcos, o Xota de Quintães... Mas nada disso!

O ti João da Madorra era católico e não acreditava em bruchedões... Um dia já exausto de gastar dinheiro, resolveu pedir à Mãe de Deus, a cura que os homens lhe não sabiam dar. Falava-se com entusiasmo, na milagrosa Senhora Aparecida; contava-se com emoção alguns milagres da Senhora que há dois séculos e meio apareceu a um mudo no Monte Crasto de Balugães.

Uma esperança o alegrou, e um sorriso leve lhe assumiu aos lábios, já sem cor. Alquebrado como estava, esquelético até, o ti João da Madorra já nem era pálido sombra daquele homem sadio e valente que o povo admirava, e que em tempos combatiera em terras africanas ao lado de tantos que o anonimato esconde. Mas que fé ardente no poder divino o invadiu agora!... Subiu a uma janela do velho sótão, e daí olhou ao nascente... Parecia-lhe ver lá longe a cura que tanto ansiava!... E mirava... ele via o pico mais alto de uma torre branquinha como a neve, que desafiava as alturas do Céu. Uma aguadilha enevoou-lhe os olhos lânguidos como dois pântanos no seu rosto frio de homem de poucas falas... Balbuciou umas palavras — palavras misteriosas — desceu as escadas do alçapão, pegou num chapéu largo, ajustou melhor a fxa à cintura, cobriu o varino já amarelado dos muitos anos, e saiu a murmurar apertando o junco entre as mãos: «Estou curado, estou curado! A fé é que nos salva».

A tia Zefa do João — assim chamavam a sua companheira — ouviu-lhe o murmúrio, e em vez de se alegrar, pensou que o marido enlouquecera e mandou-o seguir de perto pelo Xico da Botica, criado antigo da casa. O ti João da Madorra, apesar de doente andava... oh se andava! Dirigiu-se a Balugães. Subiu a encosta do Monte Crasto, transpôs num ápice os compridos escadórios e ajoelhou sobre o lajedo tosco e frio que os séculos deixaram ficar, frente à imagem da Mãe de Deus. Poisou no chão o junco e o chapéu, ergueu as mãos numa fervorosa prece, e fitou os olhos nessa imagem que parecia sorrir-lhe!... Ali se conservou estático a balbuciar uma oração à Mãe do Céu, naquela humildade a que a ingratitude dos homens recorre, quando os recursos da terra se negam. Entre as mãos largas e calejadas, apertava um velho rosário... Passaram-se alguns minutos... e encostou junto ao peito a pequena imagem milagrosa... Uns soluços ocos ecoavam no interior da capelinha! Beijou de joelhos os pés de João Mudo, deitou algumas moedas na caixa das esmolas, e saiu aper-

tando com frenesim o chapéu e o junco...

O Xico de uma janela na retaguarda da capela tudo observou espantado. E ao ver-o amo sair, escondeu-se para o seguir de novo. O amo partiu lépido, e o Xico via-se e desejava-se para o não perder de vista. Quanto mais se aproximava de sua casa, mais apressava o passo!... Não era andar, não era correr, mas quase voar em passadas rapidíssimas parecendo movido por força estranha... eletrizante...

Tocavam Trindades em Fragoço, e uns cães ulvavam na Madorra de Aldreu, quando o velho ti João entrou em casa! Sentia-se renovado, um vigor desconhecido lhe retesava os nervos. Deu um — boa noite — pleno de boa disposição e pediu a cela. Sim... voltava-lhe o apetite. A tia Zefa benzeu-se toda, ora se ria, ora chorava, e sentiu ganas de cantar, cantar a plenos pulmões! Se não fossem os vizinhos...

O Xico entrou ofegante e empiscou à tia Zefa num sorriso que dizia tudo, e que o ti João não viu... A alegria voltava àquela casa... Rezaram o terço e deitaram-se na mais santa harmonia!

E ti João sonhou. A imagem que apertara contra si, veio ter com ele e disse-lhe: «João será curado, mas segue-me». E a Virgem levou-o pela mão através de regiões desconhecidas. Atravessaram as terras de Samária, e da Judeia e foram pelo caminho de Gericó à cidade santa de Jerusalém. A Senhora cobria-se de um manto azul escuro e no seu colo levava o Menino Jesus. Seguiram a Betânia, subiram os Montes Olivete, Scopus e da Quarentena. Daí contemplaram ao largo o templo da velha Sião, estrela espiritual das gentes judaicas. E mais além, a desaparecer num manto azulado a famosa Belém.

A Virgem apontou ao ti João, o velho presépio, onde nasceu o Rei dos Reis e acariciou a face ao Menino que brincava com a orla do seu manto. Perto, em caprichosos meandros corria o velho Jordão, até se afogar no Alfaltite. João da Madorra sentiu uma doçura divina que o embriagava. Estava envergonhado e confundido de acompanhar a Virgem Santíssima... E cismava... Por ali andou Jesus Nazareno, por ali trabalhou, pregou, sofreu e veio a morrer... Sentiu o coração chorar... Então uma mão leve como algodão o tocou, e uma voz como ele nunca ouvira murmurou: «Agora vai!» A saúde do corpo e da alma procura-se no Todo Poderoso. A tua fé te salvou!

João caiu de joelhos, e chorando como uma criança perguntou: «Senhora, quem sois vós?» A mesma voz repetiu: «Eu sou Aquela que os homens veneram no Monte Crasto de Balugães?» E desapareceu num monte de alvíssimas nuvens.

João acordou a soluçar... sentou-se na cama com saudades do sonho, e no resto da noite, rezou o terço frente a um velho oratório. Estava curado!! Ao outro dia, um domingo de Maio, com lindo Sol a espalhar o perfume das flores pelos caminhos,romeiros de Palme, Aldreu e Fragoço, foram agradecer à Senhora Aparecida de Balugães, o grande milagre do ti João da Madorra.

Forjães — Fevereiro de 1950.

D. VICTOR HUGO

O altruísmo dos "Antónios do Norte"

Passaram as festas e com elas o barulho encantador que as animou.

Passaram... Contudo alguma coisa de grande, de sublime, ficou nesta passagem; ficou o nome dos Antónios perpetuado nos corações simples e bons dos nossos homónimos menos afortunados.

Além das 500 boroas de pão, do budo de Santo António, do Porto, recebemos um vale de correio de 500\$00, que foram distribuídos da seguinte forma:

Para um doente necessitado de estreptomocina, 100\$; para o nosso afilhado António Miranda, 50\$; para a viúva do bombeiro António Barbosa, que tombou ao serviço de um ideal significativo, 50\$; para António da Graça Pereira, 50\$; para um António cego (António Gouveia), 50\$; para António da Costa Fernandes, 50\$; para António Barbosa, 50\$; para a Casa dos Rapazes, 50\$; e, finalmente, para reforçar o budo dado na quadra de Santo António, 50\$. Total, 500\$00.

A todos que auxiliaram estes festejos de Santo António, dando-lhe o melhor do seu carinho, emprestando-lhe o melhor do seu esforço, vão as nossas felicitações.

De entre tantos é dever focar o papel preponderante de um «António» — António Portela — que, envolto de um baírrismo são, deu todo o seu dinamismo ao engrandecimento dos festejos, pondo em destaque o bom senso e a correcção, que lhe grangearam simpatias, pois ficou conhecido como um elemento de real valor para empreendimentos desta envergadura.

O sr. prior de Barcelos, espírito fulgurante de fé e de verdade, é igualmente credor da nossa simpatia, pois não só auxiliou a organização como até a dinamizou com a sua palavra e a sua presença.

Nestes festejos houve uma preocupação base, que consistiu em honrar e venerar o nosso grande Santo António de Lisboa, entusiasmar e alegrar o bom povo da nossa terra e, ao mesmo tempo, recrear os espíritos mais requintados, trazendo até nós o maravilhoso e enternecedor conjunto de «As Pequenas Cantoras do Postigo do Sol».

E servindo-nos das palavras significativas e oportunas que o nosso reverendo prior, proferiu quando da partida do grupo coral fazemos votos para que voltem a honrar esta cidade de tantos Antónios ilustres.

Deus permita que as festas de Santo António continuem a ser as festas dos Antónios e dos comerciantes de Barcelos.

Festa de anos

No dia 19 fez anos a sr.^a D. Alice Maria Vilhena (Gual), esposa do sr. Miguel de Gual. Os nossos parabéns.

— Também no passado dia 15 esteve em festa o lar do nosso amigo e assinante sr. Cristiano Coutinho pela passagem do aniversário natalício de sua esposa sr.^a D. Adelaide de Jesus C. de Vilhena. As nossas felicitações.



UMA SÓ PALAVRA QUE REUNE AS QUALIDADES DA MELHOR CAMISA

Qualidade - Padronagem - Corte elegante

CASA PEIXOTO

Rua D. António Barroso

Telefone 8379

BARCELOS

CARTAZ do «Jornal de Barcelos»

FUTEBOL

Boavista-Gil Vicente

O Boavista joga no domingo, nesta cidade, a convite dos campeões locais.

A Direcção do Gil Vicente não podia, realmente, escolher melhor adversário para fechar a época, em que o seu grupo fez todo o possível para dar confiança e corresponder ao interesse que a população desportiva de Barcelos tem manifestado pelas suas exhibições.

O Boavista, do Porto, vem aureolado pelos muitos triunfos conquistados e traz consigo o testemunho mais frisante da sua indestimável categoria: Campeão Nacional da II Divisão, sem derrotas.

Vai ser um desafio cheio de interesse e de emoção, não pela dívida do resultado, mas para se avaliar até que ponto chega o grupo do Gil Vicente em frente de tão valoroso e categorizado adversário.

Como aliciente há ainda outra faceta que chamará ao Campo A. Ribeiro Novo numerosa assistência: os dois internacionais do Boavista — Fernando Caiado e Serafim Baptista, elementos que têm sido cobijados por quase todos os grupos portugueses de primeiro plano.

Vai ser uma boa tarde de desporto — de boa e sã propaganda desportiva, na qual a muita assistência que deve acorrer a presenciar não deixará de prestar a justa homenagem aos Campeões Nacionais.

Laboratório de Análises Clínicas

Maria da Soledade Pinheiro MÉDICA

Waldemar Ferreira

Médico bacteriologista da F. M. do Porto

Hospital da Santa Casa da Misericórdia

Telefone 8270 — BARCELOS

Campo de S. José

Já em tempo oportuno solicitámos das autoridades administrativas o favor de mandar, de vez em quando, um zelador ao Campo de S. José, a fim de ver se com a sua presença haveria ali mais um pouco de respeito e mais cordura na prática de certos actos.

E' lamentável o que se passa ali, como de resto em muitos pontos da cidade, sem que apareça um homem providencial que ponha cobro a estes desmandos.

Onde está o gosto pelas árvores?

No Campo de S. José, sim, como em muitos outros recintos idênticos, é que devia haver veneração e respeito pelas árvores?

Serviços de alto-falantes

CASA SOUCASAU

com telefone 8345

Iluminações eléctricas

Doentes

Continua gravemente doente o nosso prezado amigo e assinante sr. Belmiro Miranda.

— Já regressou a sua casa, embora convalescente, o nosso bom amigo sr. Manuel Barbosa de Faria, funcionário da C. M. que, como dissemos, sofreu melindrosa operação.

— Também se encontra livre de perigo, com o que sinceramente folgamos, a menina Maria da Luz, a terceira das «sete Marias», filhinhas do nosso estimado amigo e assinante sr. Joaquim Macedo.

— Tem passado bastante mal o nosso amigo sr. Venâncio Loureiro, industrial de relojoaria, desta cidade.

Estimamos as melhoras.

Do Brasil

Do Brasil, regressou à freguesia de Milhazes — sua terra natal — o nosso querido amigo e grande industrial sr. Adelino Barbosa, que se faz acompanhar de sua esposa, a quem endereçamos os nossos cumprimentos de boas-vindas.

Estreptomocina

Desde o dia 21 do corrente mês e por determinação do sr. Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria, o preço do grama da estreptomocina passa a ser de 16\$00 em todo o País.

Esmaltes, Oleos, Tintas, Ceras, Vernizes, artigos de Borracha e Perfumarias

Por bons preços? Só na

Drogaria Pimenta do Vale

34, Rua Infante D. Henrique, 36

Telefone 8312 BARCELOS

Óptica, Rádios, máquinas de escrever, fotografias, máquinas fotográficas

Casa Soucasaux

Telefone 8345

"Funerária de Barcelos"

Funerais e trasladações

Av. Combatentes da Grande Guerra, 29-31

BARCELOS

Vermicida Vegetal de Faria

E' um vermífugo de efeito rápido e seguro na destruição e expulsão das lombrigas

Depósito geral

Farmácia J. Alves de Faria

Telefone 8245 BARCELINHOS

Jesuítas e Caramujos
Especialidade da
Leitaria 1.º de Maio
Fornadas a sair às
quintas-feiras, às 15 horas
sábados, » 12 »
domingos, » 12 »

Alexandre de Córdova

ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9

Telefone 8447

BARCELOS

O incêndio — o maior ladrão.
Reduz à miséria o mais opulento
se não tiver os seus haveres na

COMPANHIA DE SEGUROS
COMÉRCIO E INDÚSTRIA
DELEGAÇÃO ← → LARGO DA PORTA NOVA - BARCELOS

SOLICITADORIA ILEGAL

(Continuação do número anterior)

Vejam agora o que seja mandato judicial e que actos podem os solicitadores praticar. O Grande Tratadista Cunha Gonçalves, volume 7.º, páginas 486, ensina que o mandato judicial tem por objecto a defesa ou solicitação dos direitos ou interesses de qualquer pessoa, especialmente das que figuram num processo como autores, réus, credores, co-herdeiros, assistentes, arrematantes, etc., em qualquer tribunal civil, comercial, administrativo, fiscal ou militar. E este mandato como prescreve o artigo 513 do Estatuto Judiciário pode ser exercido pelos solicitadores, com as restrições fixadas por lei. Mas além destes actos os solicitadores têm os direitos reconhecidos no artigo 31 do Decreto 17 438, de 11-10-1929, que aprovou o Regulamento da sua Câmara, entre os quais os consignados na alínea c), que lhes permitem, em qualquer repartição pública, examinar processos e requerer certidões, sem necessidade de exhibir procurações.

Portanto estes actos — mandato judicial e citada alínea c) — estão vedados a outras pessoas, a não ser os próprios interessados. Ora, como vimos, provou-se que o réu, desde 1939 até ao presente, praticou os actos referidos nas anteriores alíneas a), b), c) e d), com frequência e habitualmente, o que afasta a falta de intenção criminosa, invocada pelo réu na sua defesa.

Provou-se, também, que o réu foi empregado do distinto Advogado Senhor Doutor Franca, deixando de o ser antes de 1939, folhas 541 e seguintes, depoimento desse senhor Advogado; e que desde essa data, até Outubro de 1942, prestou serviços a vários senhores Advogados, mas como pessoa em casa de quem os senhores Advogados escolhiam domicílio. Não se provou que tivesse sido empregado do Senhor Doutor Alçada.

Mas, demonstrou-se que, em certa altura, começou a ser empregado do Senhor Doutor Galvão, distinto Advogado desta comarca, que se tem imposto à consideração de todos pelo seu apuro e pelas suas qualidades de honestidade e honradez. Afirmou Sua Ex.ª, nas suas declarações, que o réu é seu empregado desde que montou o seu escritório nesta vila, em Outubro de 1942, e que ele praticou todos os actos referidos nos autos, por sua ordem e sob a sua orientação.

A ser assim, o réu não tem responsabilidade criminal pelos actos mencionados nas alíneas a), b), c) e d). Ora as folhas 44, do segundo volume, está junto um documento, no qual se afirma que o réu é empregado do

Senhor Doutor Galvão desde 15 de Julho de 1944. Certamente, só nessa altura, é que ficou regularizada a situação do réu como empregado daquele distinto Advogado, embora aceite que o réu, antes disso, lhe prestou serviços, como resulta das afirmações de Sua Ex.ª mas essa situação não lhe permitia praticar os actos que os empregados, devidamente regularizados podem efectuar, por ordem e sob orientação dos seus patronos.

Nesta conformidade temos que o réu, por si, desde 1939 a 15 de Julho de 1944, praticou os actos indicados nas alíneas a), b) e c) com frequência e habitualmente, como resulta dos depoimentos de folhas 37, Doutor Matias Lopes, Doutor Franca, folhas 235 e do depoimento do Ex.º e M.º Juiz Senhor Doutor Pais de Carvalho, certificado de folhas 240 e 241. E de toda a discussão colhi a convicção de que praticava esses actos com desconhecimento do Senhor Doutor Galvão.

Quanto aos factos indicados na alínea d), todos eles foram realizados pelo réu, por ordem e sob orientação do seu patrão; e, por isso, quanto a eles não tem qualquer responsabilidade criminal, em virtude do que se dispõe, no artigo 44, n.º 3 do Código Penal.

Mas quanto aos outros factos provados — alíneas a), b) e c) — atrás referidas, o réu praticando-os, como praticou, com habitualidade e frequência, incorreu na pena do artigo 236, § 2.º do Código Penal, por expressa determinação do artigo 47, do citado regulamento da Câmara dos Solicitadores, que depois transitou para o artigo 654 do Estatuto Judiciário.

Em favor do réu provou-se o bom comportamento anterior, o ser bom cidadão, o único amparo de sua mãe viúva e de seus cinco irmãos, o viver do seu trabalho e os relevantes serviços sociais que tem prestado. Na forma exposta julgo a acusação procedente e provada e ponderando devidamente todas as circunstâncias, como autor do crime previsto e punido pelo artigo 236, § 2.º do Código Penal, por força do artigo 47 do Regimento, atrás citado e do artigo 654 do Estatuto Judiciário, condeno o réu, em seis meses de prisão correccional e seis meses de multa a dez escudos por dia, em quinhentos escudos à Ex.ª Câmara dos Solicitadores e mil e quinhentos escudos de imposto de justiça com os encargos legais.

Mas ponderando que o réu não tem antecedentes judiciais, e que é um trabalhador incansável para auferir os rendimentos com que sustenta a sua família de quem é o único ampa-

Mundanismo

Aniversários

Fazem anos:

Hoje: a sr.ª D. Maria Eduarda de Mancelos Sampaio.

Amanhã: o sr. Manuel Vieira Azevedo.

No sábado: a sr.ª D. Maria do Carmo Brito Limpo Serra Santos e o sr. José Carlos Mesquita Lavado.

No domingo: o simpático menino Eduardo, filho do nosso distinto assinante sr. dr. Eduardo Teixeira de Sousa.

Na segunda-feira: o sr. tenente António Macedo Martins Lima.

Na quarta-feira: a meinha Maria Helena, filha do nosso querido Administrador sr. Artur Basto.

No Gerês

A fazer a sua habitual cura de repouso, encontram-se no Gerês o sr. Celestino Coelho de Sousa Basto e sua esposa sr.ª D. Maria José Vieira Basto, a sr.ª D. Maria da Glória Monteiro Brochado Pedras e família, o sr. Joaquim Alves Coutinho e o sr. António Gomes da Costa, com sua ex.ª esposa e filha.

Em Melgaço

Nas termas de Melgaço, a fazer uso das suas esplêndidas águas, encontra-se, também, o nosso ilustre amigo e assinante sr. José Mariano de Azevedo Figueiredo, da Quinta de Covas, que está acompanhado de sua ex.ª esposa.

SE FOR A

MONÇÃO

ficará muito bem impressionado visitando o

Café e Restaurante "CHAVE D'OURO"

(TIPO POUSADA)

Restaurante e quartos em Estilo Regional, Café e Fábrica de Confeitaria

Largo da Estação — Telef. 33

MONÇÃO

VENDEM-SE

Propriedades perto da cidade. Informa esta Redacção.

ro, atendendo que tem prestado relevantes serviços nas corporações de que faz parte, usando dos poderes conferidos no artigo 8.º da Lei de 6 de Julho de 1893, suspendo-lhe a execução da pena pelo prazo de três anos.

Vá o réu em liberdade notificado para pagar o devido. Boletins ao registo criminal.

Ressalvo a entrelinha «requereu».

Fundão, 15 de Dezembro de 1949.

(a) Francisco Soares

A Torre dos Clérigos domina o Porto
Em Barcelos quem domina é a

Sapataria CUNHA

pelo seu seleccionado sortido de calçado para homem, senhora e criança

Telefone, 8256 Largo da Porta Nova
BARCELOS

Uma habilidade vale mais que uma fortuna
Garanta o futuro de sua filha comprando-lhe uma

OLIVA

a máquina de costura portuguesa fabricada por operários portugueses.

AGENTE DEPOSITÁRIO EM BARCELOS

Fernando Valério de Carvalho

Senhores Lavradores:

Acabamos de receber directamente

MOTORES

"JAP"

a petróleo, desde 2 a 8 H. P.

CORREIA & CARDOSO

(Em frente ao monumento a D. António Barroso)

Comprar um relógio, jóias, ouro ou prata na Ourivesaria ARLINDO, é trocar dinheiro pelo seu real valor

Consertos garantidos em ouro, prata e relógios

Seriedade e competência absoluta

Também se vende a prestações

Ourivesaria --- ARLINDO --- Relojoaria

Rua D. António Barroso, 29 BARCELOS

(Junto à antiga Ourivesaria Passos)

Casa Coelho Gonçalves

Armazém de Ferro, Ferragens, Vidros e Tintas

Rua D. António Barroso, 144

TELEF. 8209

BARCELOS

ADUBOS para todas as culturas

FERRO T e ARAME MÁQUINAS AGRÍCOLAS

AGENTE DA

LUSALITE e ROBBIALAC

Redacção e Administração
Rua Duque de Bragança, 13
TELEFONE 8418

Jornal de Barcelos

Composto e Impresso
Tipografia «Minerva»
V. N. DE FAMALICÃO

Aquelas árvores...

O nosso colaborador de Barcelinhos, nas suas habituais notas daquela parte da nossa cidade, prometeu não responder a quaisquer argumentos que viessem... a propósito do corte das árvores do Montilhão.

E como o prometido é devido — não responde mesmo.

Nós, porém, é que não podemos ficar indiferentes ante o movimento de solidariedade que se tem desenvolvido a favor da versão aqui exposta de que é, realmente, necessário e imperioso fazer desaparecer aqueles monstros que prejudicam as pessoas e ferem a estética do meio. Temos em nosso poder muitas cartas que o afirmam categoricamente, numa demonstração de que não são todos os barcelenses e barcelinenses que são de opinião contrária.

Todos, ou quase, têm sobre este assunto uma única opinião, e esta é aquela que aqui foi defendida pelo nosso colaborador de além-Rio — as árvores do Montilhão devem ir abaixo.

Entre essas cartas uma há que nos merece umas transcrições, já porque faz considerações justíssimas, já porque é assinada por pessoa de toda a respeitabilidade. Esta carta diz, a certa altura: «Alguém bem intencionado e com gosto pelo progresso desta freguesia, mandou ou envidou esforços para que a Câmara colocasse ali uma boa porção de bancos. Os primeiros, em travessas de madeira, pouco resistiram aos maus tratos. Os segundos, embora de cimento de boas e grossas placas, foram vítimas dos indesejáveis que só estão bem a destruir.»

Entrando, propriamente, no assunto das árvores, escreve: «O desenvolvimento já é tal que a parede de suporte pouco tempo resistirá. As pedras des-

locam-se e as paredes já formam ondulações. Pena foi a plantação ser feita na margem, porquanto se tivesse sido feita a meio ninguém ousaria destruí-las. E será isto ser arboricida? Neste caso, uma frondosa árvore, porque é árvore, não pode ser derrubada, mesmo que arruine, com as suas raízes, as paredes de um palácio ou um monumento. Para a abertura de uma moderna avenida ou um campo da aviação não se devem exterminar seculares respeitáveis, melhor classificadas de imorredoiras.

«Tratemos de melhorar a terra e não deixá-la no marasma e, pelo amor às árvores, troquemos aquelas por outras mais agradáveis.»

E a terminar, este nosso subscritor diz assim: «Barcelinhos tem boas vontades e bons gestos que devem ser postos em prática. Não temos um cruzeiro paroquial e ali ficaria bem, circundado por um belo, embora simples, jardim e umas encantadoras árvores bem dispostas de forma que daqui a cinquenta anos se não verifique a necessidade de as destruir. Assim é que se vê o progresso e o útil ao agradável.»

Não é o nosso colaborador a responder; não é mesmo qualquer pessoa da família do nosso jornal que responde. É um leitor amigo, dedicado, amante da sua terra e que deseja vê-la caminhar na esteira do progresso. Mas como este temos muitos outros leitores amigos que vieram afirmar a mesma necessidade.

Havia mais, muitas mais, transcrições a fazer. Mas não queremos desgostar ninguém. Fiquemos-nos por aqui, simplesmente com a afirmação, firme e segura, de que em cada cem haverá um barcelinense que não esteja conosco.

"Padre Domingos Pinheiro"

No último número deste jornal, o artigo do nosso colaborador M. de Boaventura, saiu gralhado, logo na paragona do título.

Era Padre Domingos Pinheiro — e não como desatentamente compôs a tipografia.

Os nossos leitores facilmente deram pela gafe, pois não havia correlação entre o título e o texto.

No mesmo artigo saiu arcanos, (com o primeiro a acentuado!) em vez de escaninhos; Cartilhão, em vez de Castilhão, etc., etc.

Perdoem os nossos leitores, aos compositores e revisores... assim como nós perdoamos...

Padre Martins Palmeira

O nosso particular amigo e bom pároco de Milhazes, rev. padre Manuel Martins Palmeira festejou, ontem, o seu aniversário natalício, pelo que os seus paroquianos lhe proporcionaram um momento de grande alegria que foi, sem dúvida, a certeza inestimável do quanto é querido e são admiradas as suas altas qualidades de sacerdote e de amigo.

Não podemos fugir, também, com os nossos cumprimentos, porque temos no sr. padre Martins Palmeira um grande e bondoso amigo e porque reconhecemos as suas indesmentíveis virtudes aqui lhe testemunhamos a nossa homenagem.

Todas as quintas...

Filigranas

... Junho tem a sua característica especial, convidando à brincadeira os mais sisudos; é o mês tagarela, o mês folião que gosta de movimento e de sussurro, a sua exuberância é inconfundível, sangue e nervos, cantiga e gargalhada!

Dá um tostãozinho para o S. João?

Pois é claro que dou, é certo que todos damos, é uma felicidade comprar com tão pouco a alegria de ver sorrir uma criança...

... E depois, o que é verdade, é que festejando os santos populares, prestamos culto à tradição, o pequeno trono de madeira que aparece a cada canto, de rua em rua, já os nossos antepassados o conheceram e premiaram, deixando na bandejinha de folha a moeda solicitada...

Junho é o mês do bulício, do movimento — há dentro de nós qualquer coisa que vibra, que nos alegra, que nos entusiasma, que nos remoja!

Junho é o mês da cor: os morangos são vermelhos, as ginjas são vermelhas, os cravos são vermelhos, os poentes são vermelhos, a própria boca das raparigas nunca foi tão vermelha...

Uma graça

Dois noivos arrulham há uma porção de horas. A pombo sem fel, por fim, pergunta:

— Meu querido... não te apetecia dar um passeio ao campo?

— Esplêndido, minha adorada!... Ficava encantado...

— Pois... por mim não te prendas!

Uma quadra

Não cases... deixa-te estar.
Tens tempo... não tenhas medo.
— Nem por muito madrugar
É que amanhece mais cedo.

Um pensamento

Não desconfiar de pessoa alguma é simplicidade; desconfiar de todo o mundo é loucura; desconfiar de si próprio é o primeiro passo para a prudência.

Um exagero

Era tão ignorante, tão ignorante que se persuadia de que podia descansar... num quarto de águas das Pedras.

Um adágio

Até S. Pedro, tem a vinha medo.

Ponto final

Se as mulheres tivessem veneno nas unhas, poucos tiranos as excederem em crueldade.

DE OITO EM OITO DIAS

(Continuação da página 1)

gria sã, franca, comunicativa. Associe-se aos Bombeiros de Barcelinhos todas as pessoas da nossa terra, com todo o respeito, com aquela confiança que é hábito pôr em todos os actos que os homens fracos e bons costumam praticar.

Urtemo-nos à sua passagem naqueles momentos em que garbosamente, orgulhosamente, atravessarem as ruas da cidade, porque aquelas fardas não as veste qualquer nem quem quer.

Almas temperadas na forja do bem, mártires e heróis.

Silêncio!

Vão a passar os Bombeiros!...

JOTA TÊ

Festas a Santo António

Com a peregrinação à Franqueira, realizada na manhã do pretérito domingo e com as cerimónias religiosas efectuadas na ermida de Nossa Senhora, terminaram as festas em honra de Santo António, organizadas pelos «Antónios» de Barcelos, com a colaboração dos comerciantes de todo o concelho.

Apesar do mau tempo, que em muito ofuscou o brilho dessas festas, não se pode dizer que as diferentes cerimónias e actos não tivessem concorrência, pois que, mesmo assim, a Procissão de Velas organizada na noite de sábado, reuniu muitas centenas de fiéis e a Peregrinação de domingo, não obstante os muitos inconvenientes que surgiram, foi muito concorrida.

Lede e propagal

«Jornal de Barcelos»

«Jornal de Barcelos»

Assinatura (trimestre)	10\$00
Número avulso	1\$00
Estrangeiro (ano)	60\$00
Ultramar (ano)	50\$00
Anúncios judiciais — linha	\$63
Comunicados e anúncios oficiais	1\$50

Anúncios por formato — preços convencionais. Linómetro tipo corpo 8.

Banco Nacional Ultramarino

Este importante e conceituado estabelecimento de crédito, possivelmente aquele que mais dependências tem espalhadas pelas principais cidades do Mundo no desejo de corresponder a grande interesse e carinho dos seus clientes, resolveu conceder-lhes, agora, grandes facilidades na sua filial em França, que tem a denominação de Banco Franco Português D'outre-Mer que tem as suas instalações produtivas na Rue du Herder, n.º 1, uma das mais centrais de Paris muito próximo da Praça da Opera e dos grandes boulevards.

Assim neste banco asseguramos a mais cuidada assistência a todos os portugueses que a ele se dirigem, devendo destacar-se as operações sobre todas as moedas e notas estrangeiras, informações e indicações sobre produtos franceses e seus fabricantes, marcações de lugares em hotéis, comboios ou aviões, aquisição rápida de livros, especialidades farmacêuticas, informações sobre actividades comerciais, além de tudo, encontram ainda os portugueses uma esplêndida biblioteca, onde terão à sua disposição todos os jornais portugueses e onde poderão tratar da sua própria correspondência e receber aquela que do nosso país lhes seja enviada. Merece, realmente, parabéns a Administração do Banco Nacional Ultramarino, que não esquece os interesses de tantos portugueses espalhados pelo Mundo.

P.º Maurício dos Santos

Encontra-se entre nós o distinto sacerdote dr. Domingos Maurício dos Santos, S. J., orador sacro de grande nomeada que se encontra a fazer o retiro às senhoras na Casa de Santa Maria.

Os nossos cumprimentos.